

9. Considerações Finais

*Sobre um poema quase nunca há nada a dizer.
Deseja-se que seja amado, se for possível.*

Cecília Meireles

*O real não é representável e é porque
os homens querem constantemente
representá-lo por palavras
que há uma história da literatura*

Roland Barthes

Antes de expor as considerações finais, retomaremos brevemente o rumo que traçamos no vasto mar atlântico que une esses dois poetas. Esperamos que nossas braçadas tenham servido para nos aproximarmos mais deles e que, dessa forma, possamos compreender melhor e amar as obras dos geniais autores estudados, seguindo o conselho de Cecília Meireles.

Primeiramente vimos a importância da língua inglesa na vida de Fernando Pessoa, ensejando indubitável interesse de sua parte por autores americanos e ingleses.

Em seguida, tentamos demonstrar como o ‘modernismo antecipado’ de Walt Whitman causou forte abalo na vida artística de Pessoa, a ponto de ter sido o possível deflagrador de seus principais heterônimos. Em nosso percurso, não poderíamos deixar de mencionar a importância da revista *Orpheu* como veículo desse modernismo, não só para Portugal como para o movimento vanguardista mundial.

Aproximando Álvaro de Campos do bardo americano, verificamos várias instâncias onde sua presença se revela: os extensos poemas contendo longos e exaltados versos; a presença de paralelismos e anáforas; o intenso sentir expresso por meio de inúmeras exclamações e interjeições; o desejo de união com todo o universo; o sensacionismo de Pessoa, possivelmente inspirado por Whitman; e, *last but not least*, a grande diversificação temática.

Em Caieiro, encontramos similitudes no contato com a natureza, na proposta de uma filosofia aparentemente apartada da intelectualidade e do constante pensar. Há nos

dois o anseio de ser um canal direto, sem intermediários entre a percepção e a criação artística.

Finalmente, discorreremos sobre as diferenças entre eles. Vimos Whitman mais preocupado com questões sociais, mais feliz com seu corpo e sua alma, sentindo mais prazer com as sensações provenientes de sua corporalidade e dos contatos humanos: um homem mais rude e simples; enquanto os dois heterônimos portugueses mostram-se mais subjetivos, solipsistas e intelectualizados.

Enfim, dois grandes gênios, com pontos em comum, mas cada um com sua personalidade inimitável e única.

Harold Bloom, em seu livro intitulado *Gênio*, apresenta os autores mais criativos da literatura ocidental e, reunindo-os em conjuntos por afinidades, coloca Walt Whitman no mesmo grupo que Pessoa, acompanhados ainda por Hart Crane, Federico García Lorca e Luis Cernuda.

Talvez não seja muita elucubração afirmar que Fernando Pessoa, que foi tão múltiplo e diversificado, espargindo-se em tantos fragmentos psicológicos, também almejasse ter incorporado Walt Whitman como mais uma possibilidade de existência. Seria gratuito o fato de ele afirmar repetidas vezes em *Saudação a Walt Whitman*:

Não sou teu discípulo, não sou teu amante, não sou teu cantor.
Tu sabes *eu sou Tu* e estás contente com isso! (grifo nosso)

O último verso de *Song of Myself*, termina sem ponto final, sugerindo uma continuidade, uma abertura, uma possibilidade de expansão, ou ainda, a espera de uma resposta à sua voz que diz:

Failing to fetch me at first keep encouraged,
Missing me one place search another,
I stop some where waiting for you¹¹³

E é aceitando seu convite, que, reiteradamente, em seu poema-homenagem, Campos indaga sobre o comboio que parte para finalmente ir ter com ele, como uma resposta à sua sugestão final:

(Quando parte o último comboio? –
Vilegiatura em Deus...)

¹¹³ Não me compreendendo a princípio não desista,
Não me vendo num lugar procure em outro
Em algum lugar eu paro e espero você

...
Quando parte, Walt, o último comboio pra aí?

Mas para Pessoa que foi tantos, por que não a retro-união com aquele que pode ser considerado como o mestre até mesmo do mestre Caetano? Afinal de contas, Pessoa acaba obedecendo a esse mestre longínquo no tempo e espaço, mas ao mesmo tempo tão próximo dele ao acolher sua exortação: “*Mais honra meu estilo quem aprende como destruir o mestre*”. Pessoa, de fato, o destrói para tornar-se o maior e mais original poeta da língua portuguesa, cuja maleabilidade de personalidade e talento produziu obra tão rica e de inesgotáveis interpretações.

Durante toda essa tentativa de aproximar os dois poetas e desvendar um pouco mais os mistérios que se escondem em mentes tão brilhantes, gostaríamos de não ter, por nenhum momento, esquecido as palavras de Rainer Maria Rilke, em resposta ao jovem poeta Franz Xaver Kappus que o inquiriu sobre o valor de seus versos, e a quem o poeta alemão, com humildade e sabedoria, responde:

“Não há nada menos apropriado para tocar numa obra de arte do que palavras de crítica, que sempre resultam em mal-entendidos mais ou menos felizes. As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou. Menos suscetíveis de expressão do que qualquer outra coisa são as obras de arte, – seres misteriosos cuja vida perdura, ao lado da nossa, efêmera.”¹¹⁴

Concluimos, então, – assim como Whitman que não colocou um ponto final em seu mais reconhecido e expressivo poema, *Song of Myself*, deixando-o aberto, fluindo para respostas e complementações –, com a sugestão de que se façam outras tentativas exegéticas sobre os poetas aqui estudados, pois muito há ainda a ser dito, quer seja sobre cada um individualmente, quer seja na comparação entre eles.

¹¹⁴ RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um Jovem Poeta*. Tradução de Paulo Rónai. Porto Alegre: Editora Globo. 1970, p. 21.